

AS VITÓRIAS DO HOSPITAL CENTRAL
SÃO EXEMPLO PARA TODO O PAÍS

- Presidente Samora Machel aos trabalhadores da Saúde

As vitórias alcançadas quer no processo de transformação revolucionária do Hospital Central do Maputo desencadeado nos últimos dois anos quer na Campanha Nacional de Estruturação do Partido de Vanguarda - a Frelimo foram os aspectos dominantes da análise feita pelo Presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique Samora Machel, durante a visita efectuada na manhã de ontem àquele centro hospitalar da capital do País.

A seguir divulgamos na íntegra o importante discurso na ocasião proferido pelo mais alto dirigente da Revolução moçambicana ao longo do qual apreciou os avanços alcançados nos diversos sectores daquele Hospital-Piloto, exortando ao mesmo tempo os seus trabalhadores a prosseguirem o combate pela transformação do HCM de modo a que as vitórias aqui alcançadas constituam um exemplo para todo o País.

**Camaradas membros do Comité Central da Frelimo,
Camaradas membros do Conselho de Ministros da
República Popular de Moçambique,**

**Camaradas militantes internacionalistas que vêm
apoiar o Povo moçambicano na frente da Saúde,**

**Camaradas e amigos trabalhadores do Serviço Nacio-
nal de Saúde:**

No dia 6 de Outubro de 1976 nós estivemos reunidos com os trabalhadores do Hospital Central do Maputo. Estivemos reunidos para estudar colectivamente, e em conjunto encontrarmos solução para alguns dos problemas da saúde do nosso Povo trabalhador.

Nessa reunião nos analisámos a grave situação em que se encontrava o Hospital Central, a qual foi já referida na Mensagem dos Trabalhadores, e traçámos orientações concretas que permitiriam ultrapassar essa situação.

Durante estes dois anos nós seguimos de perto a evolução do Hospital e fomos tomando conhecimento:

- do esforço organizativo dos trabalhadores, sobretudo através da criação, funcionamento e dinamização dos Conselhos de Base;
- do crescimento dos Conselhos, o qual conduziu, entre outros aspectos, à necessidade de se

estangalharem as velhas estruturas intermediárias coloniais e à criação, em seu lugar, dos actuais Departamentos;

- da nitida melhoria verificada nalguns Serviços nomeadamente nos Serviços de Pediatria, Maternidade e Urgência;
- do significativo aumento de participação das massas na vida do Hospital, assim como a uma maior unidade Povo-Hospital;
- da forma enérgica e determinada como os trabalhadores, orientados pela Comissão de Reestruturação souberam ripostar as manobras subversivas do inimigo, o qual procurava sabotar o processo de transformação revolucionária do Hospital.

Mais recentemente assistimos à forma entusiástica como os trabalhadores do Hospital Central se engajaram na Campanha de Estruturação do Partido ao nível do Hospital. Por outro lado começámos a assistir a uma diminuição progressiva das queixas das populações. Ai saudamos-vos. Foi porque assumiram em profundidade o que significava a ligação Povo-Hospital e o contacto directo. Cada organismo humano constitui a nossa oficina, o nosso laboratório.

Hoje visitámos de novo o Hospital e ouvimos a Mensagem dos Trabalhadores, na qual se sintetiza a

actividade por eles desenvolvida ao longo dos últimos dois anos.

E devemos afirmar com satisfação e alegria que tanto a visita como o vosso relatório nos impressionou favoravelmente. Há progresso no Hospital Central. Nota-se mais asseio, mais higiene, mais disciplina, mais organização do que há dois anos. Ficámos particularmente impressionados com a visita à Pediatria e à Maternidade.

Quando a Direcção do Partido interveio no Hospital Central do Maputo, há dois anos, dois dos pontos mais sensíveis eram a Pediatria e a Maternidade.

Os progressos registados nesses Serviços são realmente notáveis. Os doentes são melhor tratados, as condições de higiene e organização estão melhores e a mortalidade diminuiu sensivelmente, em especial na Pediatria. Temos conhecimento que estava a 29 por cento, hoje baixou para 15 e às vezes 13. Quer dizer que temos de reduzir para zero. O nosso objectivo é de reduzir para zero. Nos países industrializados, países onde instauraram o Poder Popular, países onde realmente o Povo participa efectivamente exerce o Poder, o casal planifica para ter dois filhos porque sabe que vão viver. Planifica para ter um filho e esse filho vai viver. Nós não podemos ainda fazer isso. É preciso fazer 10 filhos para sobreviverem quatro. Por isso queremos dirigir uma saudação especial aos trabalhadores da Pediatria e da Maternidade.

Saudamos a Comissão de Reestruturação e a Direcção do Serviço de Pediatria pela sua decisão de permitir a presença das mães nas Enfermarias de Pediatria, acompanhando os filhos doentes. Isto escangalha os esquemas habituais. Muitos dos que estavam habituados às estruturas colonialistas faziam das Enfermarias mitos, segredo. Quem está nas Enfermarias realmente? Não é a nossa mãe, o nosso pai, o nosso irmão, o nosso filho, a nossa filha, então onde está o segredo? Com esta prática originária escangalhámos todos os esquemas tradicionais da medicina capitalista, a presença das mães acompanhando os seus entes queridos. Por isso dizemos: «mãe acompanhante» é uma solução popular que veio modificar radicalmente a situação das crianças internadas. Este é um exemplo a seguir em todo o País.

Todos estes aspectos que fomos constatando ao longo dos dois anos e que vimos comprovar hoje aqui no Hospital, demonstram sem margem para dúvida que:

- a) A nossa análise sobre a situação no Hospital Central era correcta;
- b) As orientações do Partido aos trabalhadores do Hospital eram de facto aquelas que respondiam da melhor forma aos anseios das massas.

Demonstram finalmente, e sobretudo, que os trabalhadores do Hospital Central do Maputo, orientados pela sua Comissão de Reestruturação, souberam assu-

mir e aplicar criadoramente tais orientações, contribuindo assim decisivamente para os avanços verificados nestes dois anos.

Podemos afirmar que, no essencial, as tarefas atribuídas pela Direcção da Frelimo ao Hospital Central foram cumpridas. O Hospital Central do Maputo melhorou bastante. Por isso queremos felicitar a Comissão de Reestruturação pelo seu trabalho. Por seu intermédio felicitamos todos os trabalhadores do Hospital Central do Maputo.

Queremos também dirigir uma saudação muito especial às camaradas da OMM, pela grande contribuição que deram para os êxitos alcançados no Hospital, nomeadamente ao nível dos Serviços de Pediatria e Maternidade. A sua acção militante constitui um grande exemplo de engajamento da mulher nas tarefas da Revolução.

Camaradas,

Os sucessos conseguidos ao nível do Hospital Central nestes dois anos devem ser motivo de alegria, motivo de satisfação para todos nós, pois eles representam avanços concretos na luta do nosso Povo pela melhoria da sua vida, eles representam um passo em frente na via da Revolução Democrática Popular rumo ao Socialismo. Com orgulho afirmamos hoje que, em certos aspectos, o Hospital Central do Maputo é já o Hospital-Piloto, o Hospital-Modelo do País, é o exemplo a seguir pelas restantes estruturas sanitárias do País.

Mas não devemos enbrigar-nos com essa alegria, nem devemos adquirir espírito de vitória. O inimigo vai reagir com toda a força, vai reorganizar-se, vai utilizar métodos mais subtis, mas sempre utilizando elementos que vivem connosco. Elementos que estão no nosso seio fisicamente mas que as ideias, a cabeça está noutro lado, lado para onde estão apontados os canos das nossas armas, lado definido como zona a ser destruída. Registamos sucessos, mas ainda temos deficiências. Essas deficiências às vezes são ao nível político, ao nível de consciência e às vezes insuficiências técnicas. Quer dizer falta de conhecimento. Alguns recusam cursos de reciclagem porque não têm nada que aprender de novo, sabem tudo e assim transformaram-se eles próprios em centro das insuficiências e de deficiências e, portanto, centro de recrutamento do inimigo. No Hospital persistem ainda alguns comportamentos, vícios e atitudes que não estão de acordo com a nossa linha, que não servem o Povo, mas sim o inimigo.

As queixas do Povo diminuíram, mas não terminaram ainda.

Por isso temos de prosseguir e aprofundar cada vez

mais o processo de transformação revolucionária do Hospital.

A satisfação por aquilo que hoje somos não deve nunca levar-nos a esquecer o que queremos ser.

Nós dizemos frequentemente que é necessário politizar a Saúde, a medicina, que é necessário politizar os Serviços de Saúde. Politizar os instrumentos, quer dizer dar aos instrumentos um conteúdo político. Os Serviços de Saúde tal como os Serviços de Educação, a Polícia, a Loja, a Fábrica, tudo tem um conteúdo em função da natureza do Poder que existe. Dizemos isso porquê?

Porque não há saúde neutra, hospital neutro, como não há educação neutra, escola neutra. Os Serviços de Saúde, tal como os Serviços de Educação, a Polícia, os tribunais, a loja, a fábrica, tudo tem um conteúdo em função da natureza do poder que existe. Nos países capitalistas, sejam eles fascistas, colonialistas ou de «democracia burguesa», os Serviços de Saúde são concebidos para explorar as massas e o Hospital é um dos centros de maior exploração.

Num hospital capitalista o doente não é tratado em função da sua doença, mas sim em função do que pode pagar.

No nosso País, assim como nos outros países socialistas e de orientação socialista, que constituem a zona libertada da Humanidade, porque o poder nos pertence, porque são as classes trabalhadoras que dirigem a Sociedade, tudo se destina a libertar o Homem, a servir o Povo.

Assim se passa com os Serviços de Saúde, com os Hospitais. Para nós a Saúde é um capital revolucionário que deve ser cuidadosamente preservado. Lutar pela Saúde das massas é uma das preocupações centrais da Frelimo.

Como é que deve ser então o nosso Hospital? Como é que ele se demarca do Hospital capitalista?

O nosso Hospital deve ter como tarefa central libertar o Povo da doença, proporcionando boas condições físicas e espirituais aos operários, camponeses, aos combatentes, aos trabalhadores em geral, para que estes estejam em condições de cumprir as tarefas em que estão engajados. Mas não só.

O nosso Hospital deve ser mais do que um centro de distribuição de medicamentos e de curativos. Ele deve ser também uma escola de formação política, ideológica e técnica dos trabalhadores e dos doentes, um centro onde se liberte o Homem de ideias erradas. Neste quadro o nosso Hospital deve ser:

- um centro de educação sanitária e de difusão de bons hábitos higiénicos;
- um centro de alfabetização dos trabalhadores, dos doentes e convalescentes;
- um centro de difusão da linha política do Partido.

No nosso Hospital não deve existir inactividade.

não deve existir ociosidade, nem dos trabalhadores, nem dos doentes. Todos devem ter tarefas de acordo com a sua situação específica.

Não devemos desprezar a mínima oportunidade para elevar a consciência política e o nível de conhecimentos do nosso Povo.

Uma característica fundamental do nosso Hospital será sempre a sua íntima união com as massas. O Hospital serve as massas, as massas apoiam o Hospital na produção, na limpeza, na organização.

Cada trabalhador do nosso Hospital deve ser um modelo permanente de simplicidade, de modéstia, de disciplina de organização, de higiene. Deve observar o máximo respeito e delicadeza no trato com os doentes e seus familiares. Nada de arrogância nem prepotências para com os doentes.

Em suma: nós queremos que o nosso Hospital seja um centro de unidade nacional e de classe, um centro de purificação de ideias, um centro de propaganda revolucionária e organizacional, uma base sólida da nossa Revolução.

Camaradas.

Vimos pois o que somos agora e o que queremos vir a ser. A questão que se coloca é: Como avançar? Quais as tarefas da fase actual?

A tarefa prioritária ao nível do Hospital Central do Maputo é a estruturação do Partido, é a implantação da Frelimo no Hospital.

Neste quadro, o processo de estruturação do Partido actualmente em curso no Hospital deve ser levado a seu termo de forma rápida e organizada, permitindo a oficialização da Célula do Partido ainda este ano.

A criação e a entrada em funcionamento da Célula da Frelimo abrirá uma nova fase na vida do Hospital Central. É a Célula do Partido que, unindo e organizando os trabalhadores moçambicanos mais conscientes, mais dedicados a nível do Hospital, irá dinamizar a vida política, irá contribuir para que o processo de transformação do Hospital Central num Centro da Revolução se aprofunde cada vez mais.

A Comissão de Reestruturação deverá continuar a dirigir o Hospital Central. No âmbito das tarefas que lhe estão atribuídas, a Comissão de Reestruturação deverá dedicar especial atenção ao reforço e à dinamização constante da ligação entre o Hospital e o Povo.

Neste contexto, e entre outras acções a desenvolver nesse sentido, devem reiniciar-se as visitas periódicas dos trabalhadores do Hospital Central aos bairros, para aí contactarem directamente com as massas populares, auscultando os seus anseios, as suas críticas e sugestões relativamente às questões de Saúde e ao funcionamento do Hospital Central, bem como para lhes transmitir noções técnicas e práticas de educação sanitária.

A Comissão de Reestruturação e todos os trabalhadores do Hospital devem ser extremamente sensíveis às críticas populares e devem tomar as medidas ade-

quadas para ir eliminando progressivamente os aspectos negativos ainda existentes no Hospital e que dão origem a tais críticas.

A Comissão de Reestruturação deverá debruçar-se permanentemente, e com grande atenção, sobre todas as questões relacionadas com a integração dos cooperantes.

Os cooperantes estrangeiros que trabalham no Hospital são camaradas nossos, são militantes internacionalistas que por solidariedade revolucionária abandonaram as suas pátrias, abandonaram o conforto construído pelo seu trabalho, pelo seu suor, pelo seu sangue, pelo seu sacrifício, para trabalharem conosco.

Eles vieram porque há luta em Moçambique, a luta pela edificação de uma Sociedade Nova onde não haja a exploração do Homem pelo Homem. Eles vieram porque os trabalhadores dos seus países combatem como nós a exploração, porque consideram a nossa luta como luta sua.

O seu exemplo constitui um estímulo e um encorajamento para nós e recordam-nos em cada momento que a nossa responsabilidade é grande, que o nosso combate não é só para libertar o nosso Povo, ele é também para apoiar os povos irmãos, as classes trabalhadoras do Mundo inteiro.

Esses camaradas merecem o nosso respeito, a nossa estima, a nossa admiração. Devemos fazer todos os esforços ao nosso alcance para reduzir ao mínimo as dificuldades do enquadramento dos camaradas estrangeiros na nossa Sociedade, por forma a que eles se sintam entre nós como nos seus próprios países. E esse combate é duro, porque aqui havia brancos e pretos, havia indianos, havia uma pequena sociedade de chineses, havia também alguns mulatos e no seio dos pretos havia contradições profundas. Assimilados e indígenas. Entre assimilados havia os de alvará, e do bilhete de identidade. Entre os de bilhete de identidade, havia também os do cartão de identidade. Os assimilados do Adriano Moreira...

Camaradas,

Os Conselhos de Base são uma criação original da nossa Revolução. Não há em nenhuma parte do mundo, conselhos de base. É uma originalidade moçambicana e vocês devem ter esse orgulho e portanto foi o Hospital Central do Maputo que criou isso. E essa originalidade está comprovada hoje pela prática, agora nossa tarefa é a sua consolidação. Eles constituem outra das soluções populares para os problemas que se nos deparam ao nível do Serviço Nacional de Saúde.

Na realidade, e para além dos efeitos extremamente positivos da sua acção ao nível dos doentes, os Conselhos de Base revelaram ser:

1. Uma arma eficaz de unidade, de organização e de libertação da iniciativa criadora dos trabalhadores;
2. Uma escola de trabalho e de estudo colectivo,

um centro de troca de experiências;

3. Um instrumento operativo no combate ao individualismo, ao elitismo, aos complexos de superioridade e de inferioridade que subsistem no seio dos trabalhadores;
4. Ao mesmo tempo uma fonte e uma escola de quadros políticos;
5. Um método correcto de reforçar a unidade entre os trabalhadores da Saúde e os doentes.

Devemos pois consolidar os actuais Conselhos, melhorando sempre os seus métodos de trabalho, quer com os doentes, quer com os trabalhadores. Os responsáveis dos Conselhos devem assumir que a razão central da sua existência e do seu funcionamento, é a melhoria constante do trato dos doentes.

A preocupação primeira de cada Conselho deve ser sempre: «como melhorar o trato dos doentes, como fazer com que os doentes se sintam o mais felizes possível, como servir os doentes ainda melhor.»

Paralelamente, os Conselhos devem esforçar-se por melhorar sempre mais a organização dos trabalhadores, libertando a sua iniciativa criadora e permitindo a sua participação de forma organizada na discussão e na decisão dos problemas do Hospital.

Os Conselhos devem continuar a ser as estruturas dinamizadoras da emulação socialista no Hospital. Um aspecto particularmente importante da emulação que deverá ser mais considerado é o da austeridade, da poupança.

Uma prática que os Conselhos devem prosseguir com todo o rigor é a das reuniões periódicas quer com os doentes, quer com os trabalhadores.

Finalmente, é necessário criar novas estruturas de topo no Hospital. Nesse processo devemos ser cautelosos e evitar precipitações desnecessárias. A dinâmica própria do crescimento dos Conselhos indicou-nos como destruir as estruturas intermediárias coloniais e ensinou-nos que tipo de estruturas criar. Estamos certos de que a dinâmica das estruturas actuais nos indicará a via e os métodos a seguir na criação das novas estruturas de topo do Hospital.

Com o apoio das estruturas do Departamento do Trabalho Ideológico da Frelimo, o Ministério da Saúde deverá generalizar a todo o País as ricas experiências do Hospital Central do Maputo, nomeadamente no que se refere à criação e funcionamento dos Conselhos de Base e das estruturas intermediárias, bem como às formas concretas de ligação entre o Hospital e as massas.

Temos conhecimento de que nalguns dos nossos Hospitais Provinciais e Distritais se verificaram iniciativas visando a criação de Conselhos de Base. Mas os factos demonstram que na maior parte dos casos a experiência não resultou. Muitos dos Conselhos que existem não funcionam ou funcionam de forma deficiente. E o mal não reside nos Conselhos, não reside nos trabalhadores que os integram. O relativo fracasso dessas experiências resulta essencialmente de não se ter sabido assumir a natureza política dessa tarefa.

Em primeiro lugar, devemos estar conscientes de que a tarefa de organização dos trabalhadores da Saúde em Conselhos, e a posterior dinamização desses Conselhos, é uma tarefa eminentemente política e não uma simples formalidade burocrática. Trata-se de uma tarefa que requiere um grande trabalho de esclarecimento político dos trabalhadores e o engajamento dos responsáveis da Saúde a todos os níveis.

Não é possível organizar correctamente as massas trabalhadoras por despacho ou ordem de serviço. É necessário e indispensável ir lá à Enfermaria, à Maternidade, ao Laboratório, à Farmácia, ao Centro de Saúde, onde eles trabalham, reunir com eles, esclarecê-los, mobilizá-los.

Não se pode controlar, apoiar e dinamizar os Conselhos através da leitura de relatórios. É imperioso o contacto directo e periódico dos responsáveis de Saúde a todos os níveis, desde o Ministério ao Centro de Saúde mais remoto, com os trabalhadores organizados nos seus Conselhos.

Em segundo lugar devemos assumir e interiorizar definitivamente que é necessário destruir as velhas estruturas coloniais que ainda persistem nos Hospitais. Não é possível ao mesmo tempo querer criar Conselhos e não querer dinamizar a destruição das estruturas coloniais. Não é possível fazer coexistir no nosso Serviço o Conselho com o Enfermeiro-Chefe do velho estilo, todo poderoso, arrogante, autoritário, individualista, burocrata, que rejeita a vida, o estudo e o trabalho colectivo com os outros trabalhadores. Devemos compreender que a persistência das velhas estruturas objectivamente sabota a acção dos Conselhos, sufoca a iniciativa dos trabalhadores, impede as transformações revolucionárias.

Neste quadro, a ofensiva política e organizacional dos trabalhadores da Saúde a desencadear pelo Minis-

tério da Saúde deverá ser cuidadosamente planificada e deverá ter em conta não apenas as experiências do Hospital Central do Maputo mas também as do resto do País. Devemos aprender não só dos nossos êxitos mas também dos nossos fracassos, dos nossos erros, deles extrair lições que sirvam de base para novas vitórias, para novos avanços.

Camaradas.

A partir de hoje devemo-nos engajar numa nova fase de vida do Hospital Central do Maputo. Uma fase que corresponda a um aprofundamento no processo de transformação do Hospital num Hospital totalmente ao serviço do Povo. Devemos reforçar a nossa vigilância face às acções do inimigo, que uma vez mais irá reagir contra os nossos avanços e as nossas conquistas ao nível do Hospital. Hoje ou amanhã, o inimigo reagirá subtilmente. Por isso é preciso detectar essas ideias reaccionárias quando ainda estão a tentar constituir um embrião. Comer o ovo para não nascer o pintainho.

Queremos terminar lançando um apelo a todos os trabalhadores deste Hospital para que mantenham e desenvolvam ainda mais o espírito de unidade, de trabalho árduo, de disciplina e de organização que demonstraram ao longo destes dois anos. Para que continuem a cultivar e melhorar cada vez mais o espírito de delicadeza e de profundo respeito para com os doentes e seus familiares.

Para que elevem continuamente a sua consciência política e as suas aptidões profissionais. Assim estaremos em condições de prosseguir vitoriosamente na transformação revolucionária do Hospital Central do Maputo.

Obrigado.

(De: "Noticias", Maputo, 1978-10-08)